

A CLASSE OPERÁRIA

Ano 87, sétima fase, nº 58, abril de 2014

PÁGINA 4
A derrota dos EUA na
Ucrânia

50 ANOS DO GOLPE DE 64

CONTRA DITADURA

A quarta vitória do povo vai reeleger Dilma em outubro

O ano de 2014 será marcante para os brasileiros pois trará dois grandes eventos. Um será a Copa do Mundo de futebol, entre 12 de junho e 13 de julho. A oposição conservadora tenta voltar a Copa contra o governo da presidenta Dilma Rousseff que, assim, acabou fortemente ligada ao outro evento notável, a eleição de 5 de outubro que vai escolher o presidente do Brasil para o quadriênio 2015/2018.

Será a chance da quarta vitória do povo em eleições presidenciais. A primeira ocorreu em 2002 quando a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva permitiu a abertura de uma nova etapa, democrática, patriótica e de inclusão social, na história brasileira. As outras ocorreram em 2006, vencida por Lula, e em 2010, vencida por Dilma Rousseff.

Foram doze anos em que o Brasil mudou, com a defesa da soberania nacional, ampliação da democracia, desenvolvimento com distribuição de renda, valorização do trabalho e justiça social. Ficou para trás, cada vez mais, o que foi imposto ao país pelos governos neoliberais como o do tucano Fer-

nando Henrique Cardoso: a submissão aos interesses do imperialismo, sobretudo dos EUA, o autoritarismo, a repressão contra as lutas dos trabalhadores, aos sindicatos e aos movimentos sociais, a entrega das riquezas nacionais e a abertura do mercado brasileiro aos interesses das multinacionais.

São dois polos opostos – um deles quer o avanço do país e o bem estar do povo; o outro defende a ganância do grande capital, a especulação financeira, e a volta do atraso que prejudica e empobrece os brasileiros.

Sob liderança da presidenta Dilma Rousseff estão as forças progressistas, de esquerda e patrióticas que relacionam a disputa presidencial de outubro com a construção de um país rico e soberano, integrado com seus vizinhos latino-americanos, democrático, com progresso social. A vitória de Dilma Rousseff, em outubro, defendida pelo Partido Comunista Do Brasil, será a quarta a vitória do povo e a confirmação da opção pelo rumo de mais e maiores mudanças para beneficiar o país e os brasileiros.

CHARGE

CONSIDERAMOS O PLEBISCITO UM DESRESPEITO A UM LEGITIMAMENTE CONSTITUÍDO GOLPE DE ESTADO!



EXPEDIENTE

Proletários de todos os países, uni-vos! A Classe Operária, jornal do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). **In Memoriam** de João Amazonas **Secretário Nacional de Comunicação:** José Reinaldo Carvalho **Redação:** José Carlos Ruy (editor). **Jornalista responsável:** José Reinaldo Carvalho. **Diagramação:** Andocides Bezerra **Contato:** R. Rego Freitas, 192 - São Paulo - SP - CEP: 01220-010 **Tel.:** (11) 3054-1800 **E-mail:** classe@pcdob.org.br www.vermelho.org.br/classe



13º Congresso do PCdoB, novembro de 2013

92 anos de luta pelos trabalhadores e pelo Brasil

Apesar das perseguições o PCdoB nunca se afastou de seu programa avançado

O Partido Comunista do Brasil comemorou 92 anos de sua fundação neste 25 de março de 2014. Nascido em 1922 da audácia de um punhado de revolucionários, transformou-se nestes noventa anos e se tornou uma força política decisiva no cenário brasileiro.

Enfrentou perseguições e pagou com o sangue de heróicos militantes, assassinados, presos e torturados, o pesado preço da ousadia de lutar pelos trabalhadores, pelo socialismo e pela soberania nacional. Foi obrigado à clandestinidade durante mais da metade de sua trajetória, mas nunca se afastou de seu programa avançado.

Vive, desde 1985, seu mais longo período de legalidade lutando por avanços sociais e políticos. Hoje, diz a deputada federal Luciana Santos (PE), vice-presidente nacional do PCdoB, está consolidado “como um Partido forte, contemporâneo, influente e de luta”, postura traduzida em sua luta “pelas reformas estruturais e democráticas”, disse.

Neste sentido, diz o secretário nacional de Organização, Walter Sorrentino,

O PCdoB é um Partido forte, contemporâneo, influente e de luta, que defende reformas estruturais e democráticas, diz Luciana Santos

homenagear os 92 anos do Partido Comunista do Brasil é saudar sua militância e seus quadros “cujo trabalho incessante construiu essa instituição quase secular, sustentou-a nos anos de chumbo, elevou sua reputação e influência, desfraldou as bandeiras de novo estágio civilizatório para o Brasil”, com a missão de “organizar politicamente o povo brasileiro, artífice maior da luta por um Brasil livre, independente e avançado” em busca de “seguir adiante na jornada de governos baseados nas forças populares, alcançados em 2002”, que tem como programa o objetivo de formação “de amplo bloco político e social assentado em torno do aprofundamento de reformas democráticas estruturantes, para aprofundar as mudanças iniciadas em 2003”.

A luta dos comunistas brasileiros está, assim, articulada em torno de três eixos inseparáveis - a luta de

massas, a luta institucional e a luta ideológica. É preciso avançar na conquista de posições nos parlamentos e governos, articular essas posições com as necessidades e demandas dos movimentos sociais e dos sindicatos, e formular novas e avançadas ideias para compreender o estágio atual da luta e das necessidades impostas pela demanda do objetivo estratégico, a conquista da transição para o socialismo.

Assim tem razão o secretário nacional de Comunicação, José Reinaldo quando, lembrando que o partido está “profundamente enraizado na vida nacional, identificado pela defesa que sempre fez das causas democráticas, patrióticas e populares”, lembra que celebrar seus 92 anos é reafirmar sua trajetória e seus compromissos e “desenvolvê-lo, transformando-o numa poderosa força política capaz de dirigir lutas e incidir sobre os acontecimentos”.

EM MARÇO...

...foi divulgada uma pesquisa que contrariou a oposição de direita ao mostrar que 60% dos brasileiros acreditam que a Copa do Mundo no Brasil será ótima e 21%, boa. Tome!



“O dia de hoje exige que lembremos e contemos o que aconteceu. Devemos aos que morreram e desapareceram, devemos aos torturados e aos perseguidos, devemos às suas famílias. Devemos a todos os brasileiros”

Dilma Rousseff, sobre os 50 anos do golpe de 1964

“Não se pode permitir um retrocesso, precisamos ir adiante. Por isso é necessário a quarta vitória do povo”

Renato Rabelo, presidente nacional do PCdoB, sobre a eleição presidencial de outubro de 2014



DITADURA

50 anos do golpe de 1964, contra os trabalhadores

Os brasileiros nunca aceitaram a ditadura e usaram contra ela todas as formas de luta

O povo brasileiro resistiu contra a ditadura iniciada pelo golpe militar de 1º de abril de 1964, que completa agora 50 anos. Foi um atentado contra a democracia e os trabalhadores, e contra as reformas de base defendidas pelo governo João Goulart: a reforma agrária, a renegociação da dívida externa, o controle da remessa de lucros ao exterior, as reformas urbana, administrativa, bancária, da previdência social, da educação, entre outras.

A direita e os conservadores não aceitavam as mudanças e conspiraram contra elas, com poderoso apoio norte-americano que envolveu o embaixador no Brasil e, no momento do golpe, o envio de navios de guerra à costa brasileira, na chamada Operação Brother Sam.

O regime de 1964 eliminou a democracia, perseguiu, torturou e assassinou democratas, nacionalistas e progressistas. Usou a censura contra a imprensa, a música,



TRABALHADORES defendem as reformas de base no governo Goulart

A ditadura de 1964 eliminou a democracia, perseguiu, torturou e assassinou

o teatro, as artes em geral, para calar os descontentes. Aumentou a dependência externa do Brasil com a abertura aos capitais estrangeiros e a atração de empresas estrangeiras.

O POVO LUTOU CONTRA A DITADURA

A ditadura enfrentou forte resistência do povo e todas as formas de luta foram usadas,

desde manifestações pacíficas e greves à luta armada. Milhares foram presos e perseguidos, mortos em confrontos, executados ou assassinados na tortura. Entre eles estão Carlos Marighella, Joaquim Câmara Ferreira, Mário Alves e Carlos Lamarca.

O PCdoB organizou a Guerrilha do Araguaia, que deixou o exemplo de inúmeros heróis. Poucos de seus lutadores

sobreviveram, e até hoje seus corpos estão desaparecidos; além disso, a repressão cometeu atrocidades, torturas, roubos, assassinatos contra o povo que apoiava a luta.

A vingança da ditadura contra o PCdoB, que dirigiu a guerrilha, foi feroz; assassinou dirigentes como Lincoln Cordeiro Oest, Carlos Danielli, Luiz Guilhardini, Lincoln Bicalho Roque, Armando Frutuoso e Ruy Fração. Houve inúmeras prisões de comunistas nos Estados. Em 16 de dezembro de 1976 houve a Chacina da Lapa, em São Paulo, que matou Pedro Pomar e Ângelo Arroyo e, sob tortura, João Batista Drummond; foram presos e torturados Haroldo Lima, Aldo Arantes, Elza Monnerat, Wladimir Pomar, Joa-

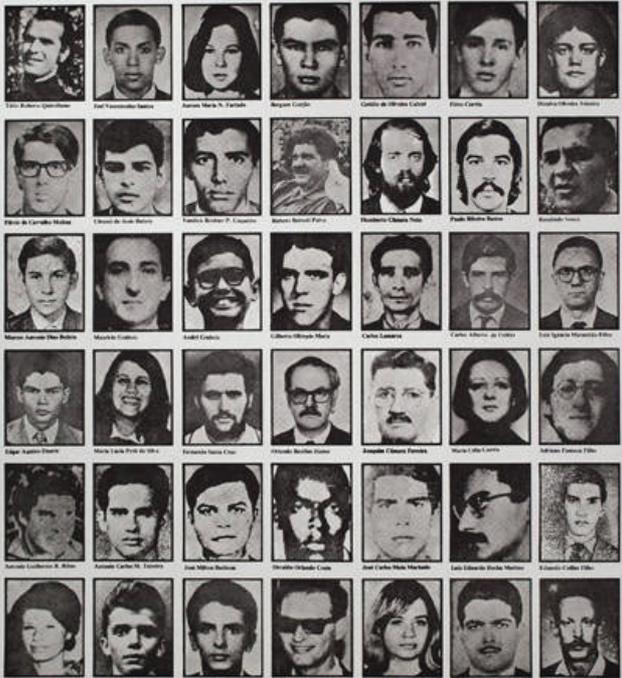
quim de Lima e Maria Trindade.

Mas a sanha assassina da repressão não diminuiu as dificuldades políticas da ditadura. Na eleição de 1974 o MDB teve uma grande votação; a ditadura tentou fugir da crise com a “abertura”, que incluía o objetivo de eliminar os comunistas, como ocorreu na Chacina da Lapa.

LUTA DE MASSAS

A luta de massas cresceu naqueles anos. A exigência pela anistia disparou (culminando com a anistia de 1979 que, mesmo limitada e incluindo os torturadores, foi uma conquista do povo e fortaleceu a luta com o retorno de exilados, clandestinos e presos políticos). Em meados da década nasceu o Movimento Contra a Censura, dirigido por comunistas e católicos progressistas. Em 1977 os estudantes se moveram e, em 1979, reorganizaram a União Nacional dos Estudantes (UNE). Em 1978 foi a vez dos trabalhadores, com a greve em São Bernardo do Campo, seguida pelas de 1979 e 1980; apesar da repressão, elas derrotaram - principalmente a de 1980 - a política de “abertura” da ditadura.

Nunca Mais! MORTOS E DESAPARECIDOS



1989-Grupo Tortura Nunca Mais - São Paulo

As vítimas da ditadura

A repressão da ditadura atingiu cerca de 500 mil cidadãos, que foram investigados; 200 mil foram presos; 11 mil processados; cinco mil condenados; a grande maioria sofreu torturas.

Houve também 10 mil exilados; 4.862 mandatos cassados; 1.202 sindicatos sob intervenção; 245 estudantes expulsos das universidades apenas através do Decreto 477; 49 juízes expurgados; três ministros do Supremo afastados, o Congresso Nacional fechado por três vezes; censura prévia à imprensa e às artes.

Cerca de 400 foram mortos e 144 desaparecidos até hoje. São heróis do povo e da democracia, e o culto de memória é penhor para que o arbítrio, a ditadura e o terror de Estado não se repitam jamais.

RESISTÊNCIA

A luta pelas Diretas Já e o fim do arbítrio

Na década de 1980 a resistência contra a ditadura aprofundou a luta de massas com a campanha das Diretas Já e seus enormes comícios entre novembro de 1983 e abril de 1984. Em 25 de abril de 1984 o Congresso Nacional, ameaçado, não aprovou a volta das eleições diretas para presidente e o caminho a seguir foi a disputa no Colégio Eleitoral da ditadura para escolher o novo presidente, com apoio ativo do PCdoB. A ação de seu veterano dirigente João

Amazonas foi importante para convencer o governador de Minas Gerais, Tancredo Neves, a candidatar-se. Para Amazonas não importava a forma pela qual a ditadura seria extinta, mas sim sua extinção.

Eleito, Tancredo Neves adoeceu e faleceu antes de tomar posse, sendo substituído pelo vice José Sarney. Foi convocada a Constituinte, que elaborou a Carta Magna de 1988. Foi o fim, de fato, da ditadura de 1964.

A derrota do imperialismo na Ucrânia

Plebiscito decide reunificar a Criméia à Rússia e impõe derrota aos EUA

Quando, em 22 de fevereiro o presidente constitucional da Ucrânia Viktor Yanukovytsch foi deposto depois de fortes manifestações da oposição de direita, apoiadas e financiadas pelos EUA, surgiu o cenário para a pior derrota do imperialismo norte-americano nos últimos anos. Num plebiscito de resultado esmagador (mais de 96% dos eleitores votaram pela anexação à Rússia), o povo da Criméia, uma região da Ucrânia, decidiu, em 16 de março, reunificar-se à Rússia.

A decisão foi tomada por mais de 1,5 milhão de eleitores que não aceitam as ações do governo de direita (com a participação inclusive de neonazistas) e as perseguições



contra ucranianos de origem russa. A Crimeia fez parte da Rússia até 1954, quando

o primeiro ministro Nikita Krushev cedeu a península para a Ucrânia. Lá fica a

Mais de 96% entre os 1,5 milhão de eleitores decide contra o governo de direita apoiado pelo imperialismo

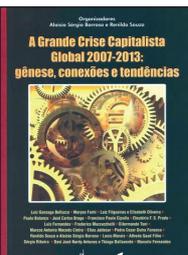
principal base da frota russa no Mar Negro, com acesso direto ao Mediterrâneo e, principalmente, à Síria, onde se desdobra uma agressão sem precedentes conduzida pelo imperialismo contra o presidente Bashar AL-Assad.

Os russos e os habitantes da Criméia não esqueceram as ações do imperialismo que levaram caos e desorganização a todos os lugares onde colocou as botas de seus soldados, do Afeganistão ao Iraque, Líbia, Síria ou na antiga Iugoslávia. Aliás foi nela que buscaram inspiração para sua decisão soberana, invocando a confir-

mação do estatuto do Kosovo, cuja separação da Sérvia em 2008 foi reconhecida pela ONU em 22 de julho de 2010.

Os planos imperialistas dos EUA e da Europa Ocidental eram usar a Ucrânia para apertar o cerco militar contra a Rússia, constituindo-se também em uma ameaça contra a China.

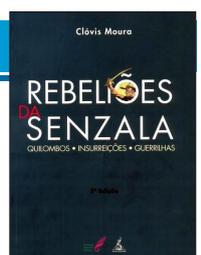
Este plano foi frustrado pela pronta e enérgica ação do governo de Moscou e pela reação do povo da Criméia que, com sua decisão de reunificar-se com a Federação Russa, impôs esta importante derrota ao imperialismo.



O que ler

Organizado por Aloísio Sérgio Barroso e Renildo Souza, o livro **A grande crise capitalista Global 2007-2013: gênese, conexões e tendências** (Fundação Maurício Grabois / Editora Anita) é fundamental para se entender e explicar o mundo da economia. Para Luiz Gonzaga Belluzzo, é uma rica coletânea de textos instigantes e abrangentes.

Um clássico sobre a luta de classes no Brasil. Esta é a definição para **Rebeliões da Senzala - Quilombos, insurreições, guerrilhas**, de Clóvis Moura, que chega à 5ª edição (Fundação Maurício Grabois / Editora Anita). É um livro fundamental para o conhecimento da luta do povo no Brasil e para a compreensão dos fundamentos do racismo, esta mazela que permanece no Brasil.



EXTREMA DIREITA



MANIFESTAÇÃO contra o governo da direita na Ucrânia

Sob a sombra de Hitler

O governo de direita da Ucrânia, que surgiu com o golpe de estado de 22 de fevereiro, criou uma “Guarda Nacional” com 60 mil homens recrutados entre aqueles que realizavam protestos arruaceiros. Para seu comando escolhe Andriy Parubiy, um dos fundadores, no início da década de 1990, do neonazista Partido Social-Nacional da Ucrânia; o vice é Dmytro Yarosh, líder dos paramilitares do Setor Direito, equivalente ucraniano das tropas de assalto de Hitler, as criminosas SA.

Aquele governo, que se diz “democrático”, representa a oligarquia financeira do país.

É formado por ex-banqueiros, fascistas e oligarcas, que controlam suas próprias milícias de segurança particulares que usam, como prefeitos de cidades de maioria russa, para acabar com os protestos. Seu governo prepara também medidas draconianas contra o povo e seus direitos. Não disfarçam e dizem, para quem quiser ouvir, que são medidas semelhantes àquelas que quebraram a Grécia e empobreceram os gregos desde 2008. Além da redução de salários e medidas sociais, o governo que usurpou o poder na Ucrânia já anunciou o aumento de 50% no preço do gás!

História comunista



MANIFESTAÇÃO pelas reformas de base, no governo Goulart

Uma frente ampla democrática contra o golpe de 1964

Em 1964 o movimento comunista brasileiro saía da crise de meados da década de 1950, que opôs os dirigentes revolucionários (liderados por João Amazonas, Maurício Grabois, Pedro Pomar) aos reformistas alinhados em torno da orientação revisionista que vinha do Partido Comunista da União Soviética. A atuação dos comunistas em relação ao governo de João Goulart e sua reação ao golpe militar de 1964, refletiu aquela contradição.

O PCB, alinhado com as posições soviéticas, acreditou que o governo Goulart derrotaria o golpe; pensava também que a intervenção dos militares seria passageira. Por isso não mobilizou a resistência democrática.

O PCdoB teve posição mais realista. Reorganizado em 1962, o partido teve uma postura esquerdista em relação ao governo Goulart e chamava o povo a cobrar do governo o atendimento de suas reivindicações.

Contudo, ante ameaça representada pela conspiração golpista, flexibilizou a oposição a Goulart em defesa da legalidade. Quando o golpe ocorreu, em 1º de abril de 1964, avaliou a situação corretamente como um atentado duradouro à democracia. Depois aprovou o documento O Golpe de 1964 e seus ensinamentos (de agosto de 1964) mostrando que o alvo da direita fora a luta democrática e popular. Fez

também a autocrítica dos erros esquerdistas contra o governo ao denunciar que, com o golpe, muitas conquistas, “alcançadas em anos de duras lutas, foram liquidadas”, crescendo os desrespeitos aos direitos do cidadão e “a dependência do país aos monopólios norte-americanos”. Pregava, contra a ditadura, a formação de uma “frente única todas as forças que se opõem ao imperialismo norte-americano e aos seus sustentáculos no país”, sob direção do proletariado, “para levar a cabo a tarefa histórica que se coloca diante da nação. Essa tarefa é essencialmente nacional e democrática”, concluiu aquele documento.



Acesse também o portal da esquerda bem informado
www.vermelho.org.br



Saiba mais sobre o PCdoB e filie-se:
www.pcdob.org.br